

# Sarney: "Somos um país chamado à concórdia"

BRASÍLIA (O GLOBO) — "Já estamos saindo do túnel. Já começamos a ver a luz. E eu convido V. Excias. para que procuremos ampliar esta luz que começamos a ver" — disse ontem o Senador José Sarney (Arena—MA), falando em nome da liderança arenista, em resposta ao discurso pronunciado na véspera pelo Senador Paulo Brossard.

— Este País foi fundado em bases democráticas, nunca na ideologia da força — acentuou — Todos combatemos a ditadura. Não somos país para ditador, nem para a violência. Somos um país chamado à concórdia, chamado à paz.

Sarney disse que os parlamentares do MDB não têm o direito de afirmar que trabalham mais pela normalidade democrática do que os da Arena. "E mais do que todos nós trabalha o Presidente da República, que tem o encargo de acalmar as águas revoltas — pois muitas delas são revoltas — e ordená-las para o processo da reconstrução nacional" — afirmou.

— A contribuição que nós podemos dar hoje — acentuou — é a contribuição pragmática daquilo que é possível fazer-se, do que devemos fazer para ajudar, se possível, para mais rapidamente chegarmos àquela aspiração, que é de todos.

## Recuperação

Sarney referiu-se com ênfase à volta do pleno debate parlamentar, para ele saudável sinal de recuperação do Parlamento. "Saudemos a presença do Congresso no centro da discussão dos problemas nacionais", — disse — "de todos os caminhos necessários à distensão, o maior é o da grandeza com que o Congresso hoje se apresenta em face da Nação, porque sem Congresso não há democracia. E, se nós estamos vivendo em um Congresso livre, saudemos também a democracia no Brasil".

Ao reafirmar, mais uma vez, o apelo de conciliação entre Maioria e Minoria, como projeto de embasamento político para a distensão programada pelo Presidente Geisel, o senador maranhense criticou a Oposição pelo tom que ele considerou "pessimista", observado, segundo disse, nos discursos pronunciados no plenário.

Reconheceu que o Brasil não vive "em pleno Estado de Direito". Mas contrapôs o argumento de que também o País não enfrenta "violência institucional".

— Muitas vezes, temos boas leis e elas não acabam com as maiores violências. Por outras, não temos boas leis e não há violência", frisou, acrescentando:

— Não é uma teoria de ocasião, mas, mesmo na Oposição, nunca neguei ao Governo o dever de colocar-se, em certas circunstâncias, acima da lei para salvar os interesses da Pátria.

## A Revolução

Tendo em vista o que disse Brossard na véspera, Sarney enfatizou que a situação anterior a 1964 era de violência e falta de garantias, "de tal maneira, que ninguém tinha direito a nada, nem à vida, nem à propriedade". E disse que a Revolução veio restaurar a igualdade no respeito, restabelecer o direito de todos os brasileiros.

Segundo Sarney, a "democracia romântica" foi, entretanto, logo atropelada pelo processo que se seguiu, onde militares radicais "exigiam mais dureza de comportamento". Explicou ele que a tentativa do AI-2 foi uma busca "desesperada" para manter as linhas propostas na Constituição de 46.

— Mas, a essa altura — acentuou —, era impossível a sua manutenção. A superação dos políticos tolerados, mas não confiados foi a fase seguinte, e reestruturar a ordem política, com a extinção dos antigos partidos, foi uma tentativa de compatibilizar a participação da estrutura política nos novos instrumentos do Poder.

Sarney deixou de ler a parte final de seu discurso porque os opositoristas lhe dirigiram dezenas de apertes, quase todos em resposta às críticas feitas no início a pronunciamentos dos senadores do MDB. Desses apertes, destacou-se um de Paulo Brossard, que protestou com veemência à insinuação de que teria apoiado o AI-1, já que apoiara o Movimento de 31 de março de 1964.

— Não apoiéi AI-1 coisa nenhuma, nobre senador. O Ato nº 1 não dependia de mim — disse ele.